

SÃO CRISTÓVÃO

Coleção **CIDADÃOS DO REINO**

- *Um coração inquieto*, Hylton Miranda Rocha
- *Mônica: uma mulher forte*, Hylton Miranda Rocha
- *José no mistério da encarnação: aspectos teológico-pastorais para a paternidade responsável*, Marcionei Miguel da Silva
- *São José: o lírio de Deus*, Jerônimo Gasques
- *São Jorge, o santo guerreiro: história e devoção de um santo muito amado*, Jerônimo Gasques
- *Mulheres à frente de seu tempo: histórias de santas*, VV.AA.
- *Francisco de Assis e Charles de Foucault: enamorados do Deus humanado*, Beto Breis
- *Fenômenos extraordinários de místicos e santos*, Paola Giovetti
- *Santo Antônio contra o mundo. A história do grande santo para os nossos tempos*, Dionísio Pedro de Alcântara Lisbôa
- *Dom Bosco: presente de Deus para as juventudes*, Marcos Sandrini
- *Santa Luzia: o brilho de uma luz. A protetora dos olhos*, Jerônimo Gasques
- *Eu, Francisco*, Carlo Carretto
- *Palavra de Santo Antônio. Prédica, simbologia animal e pecados capitais*, Glícia Campos
- *São Cristóvão: no volante da fé, o santo protetor dos motoristas e viajantes*, Jerônimo Gasques

Pe. Jerônimo Gasques

SÃO CRISTÓVÃO

No volante da fé, o santo protetor
dos motoristas e viajantes



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Frei Darlei Zanon*

Gerente de design: *Danilo Alves Lima*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Cícera Gabriela Sousa Martins*

Capa e diagramação: *Karine Pereira dos Santos*

Imagem de capa: *São Cristóvão (1523-1524), pintura de Ticiano (1488-1576)*

Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Gasques, Jerônimo

São Cristóvão: no volante da fé, o protetor dos motoristas e viajantes / Jerônimo Gasques. - São Paulo : Paulus, 2023.
(Coleção Cidadãos do Reino)

ISBN 978-65-5562-855-5

1. Cristóvão, Santo I. Título II. Série

23-0879

CDD 235.225

Índice para catálogo sistemático:
1. Cristóvão, Santo



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Televentas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)
Tel. (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-855-5

“São Cristóvão foi para o céu por ter alma benquista./
Pois quem faz o bem na terra o Reino de Deus conquista./
Por isso, ao entrar num carro, o que me agrada mais a vista /
é a imagem do glorioso protetor dos motoristas”
(Luizinho & Limeira)

E a criança respondeu: “Não fique surpreso!
Você está carregando o mundo, você carrega
o Criador do mundo nos ombros!”
O menino era Jesus!

“Às vezes, a gente faz uma viagem longa,
cansativa, e, na hora que vai receber, somos tratados
com ignorância. Você tem que ficar quieto,
engolir seco e ainda ser gentil. As pessoas não sabem o que
passamos nas estradas, enfrentando chuva,
sol, frio, buracos, ladrões. E isso pega fundo em mim.
Fico muito triste. Saímos de casa para levar o produto,
o alimento para as pessoas, e ninguém dá valor”
(caminhoneiro, Bruno Henrique da Mata, 27 anos).

INTRODUÇÃO

*“Esse Cristóvão, um gigante com força hercúlea, heterodoxo, é a própria metáfora do instinto, da força e do amor à natureza, lugar onde sempre se refugia quando maltratado pelos seus semelhantes”
(Eça de Queiroz).*

Mais um desafio à minha frente: escrever sobre São Cristóvão. A minha iniciativa foi curiosa. Certo dia, estava com o padre Joãozinho, em minha paróquia, e ele disse que havia composto uma canção em louvor a São Cristóvão. Ouvir aquilo foi como um pequeno raio de luz, que me acendeu um antigo desejo de escrever sobre essa devoção.

O escritor tem a tentação de ouvir vozes de comando para se inspirar em algum tema de enredo, como é o nosso caso. Na maioria das vezes, a inspiração nasce em momentos de relacionamento, de encontro, de oração, de reflexão, de necessidade existencial e, mesmo, por uma indicação etc.

Fazia anos que vinha protelando a tentativa de escrever sobre essa devoção. Acabei dando prioridade a outros temas. Tenho escrito vários livros sobre alguns santos populares, e resgatado o devocional de outros, por exemplo: São Jorge, São Cosme e São Damião, Santa Luzia, Santa Edwiges, Santa Cecília, São Judas, São Longuinho; até mesmo sobre São José, Maria e os anjos, e por aí vai...

Quando cheguei à paróquia de São José, havia uma comunidade dedicada a São Cristóvão. Percebia que o povo não tinha tanta devoção ao santo do volante e dos viajantes. Notei, também, que as pessoas envolvidas necessitavam de estímulo para se tornarem fervorosas e devotas. Assim, iniciou-se uma descoberta desse santo popular, mas tudo ficou por aquilo mesmo! Guardei para mim, apenas, o sonho e um pequeno ensaio.

Em todo o caso, vamos à reflexão sobre São Cristóvão:

Ele tem uma história espetacular. É linda de admirar e contemplar a sua coragem diante das tiranias da vida. Sua trajetória passou por vários percalços e contingências. Não temos muita literatura sobre sua hagiografia. Temos bastante inspiração sobre sua figura cristã de mártir da Igreja. Esse é um legado indispensável, embora os devotos não o vejam por esse ângulo.

São Cristóvão é como muitos outros santos, que são populares, mas não tiveram escritores inspirados para descrever o seu curso existencial. Encontram-se muitas dificuldades, na literatura, para compor sua hagiografia. Seu conhecimento fica por conta da piedade popular ou das lendas, que se compuseram ao longo dos séculos.

As lendas sobre São Cristóvão são *sui generis*. Existem duas, apenas, mas repletas de sentido, e retratam bem aquilo que se pensava séculos atrás. Por vezes, ao lê-las, achamos superexageradas, mas existe uma verdade por trás delas. As lendas infundem um desejo de superação, e, quando a história não é suficiente, os escritores e devotos começam a aumentar a história como um fermento bom que leveda a massa toda.

Em geral, todas as devoções são repletas de lendas, de histórias anexas que se acrescentam à vida do santo devotado. Com isso, sua figura fica descaracterizada e, por vezes, perde a simplicidade e a delicadeza do trato com Deus. O santo popular é um apaixonado por Deus e por aquilo em que acreditava.

As lendas são inspirações humanas repletas de sentido. Podem nascer de uma forma de espiritualidade popular que vincula

o culto ao desconhecido, mas são carregadas de conteúdos e de mistérios. Estes devem ser decodificados pelos leitores ou pelos devotos. Caso isso não aconteça, ficamos no nível das fantasias e, por vezes, damos um toque de acréscimo a elas.

Lenda é uma narrativa transmitida oralmente pelas pessoas, visando explicar acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais, misturando fatos reais com imaginários ou fantasiosos, e que vão se modificando através do imaginário popular (cf. *significado.com*). As lendas nunca nascem feitas ou prontas; as pessoas acrescentam mais alguns itens de requinte para que a história fique mais parecida com uma realidade.

Nós, aqui no Brasil, somos “vítimas” das inúmeras lendas atribuídas a alguns personagens, como: Saci Pererê, Boitatá, as Treze Almas, Curupira, Caipora, Boto, a casa mal-assombrada, e por aí vai o rosário de misticismo e de inúmeros personagens do folclore brasileiro.

Certamente, esse arsenal de lendas e de histórias mal contadas acaba confundindo as pessoas e, na maioria das vezes, se embarça lenda com realidade. Todavia, sabemos que, na cidade, temos outros conceitos de lendas, e se acaba “acreditando” muito pouco em sua existência.

As lendas, também, podem induzir-nos a pensar que são “mentiras” que inventaram sobre os santos. É certo, todavia, que encontramos coisas exageradas nas lendas, principalmente aquelas nascidas na alta Idade Média; a fantasia se fazia presente de forma exagerada e superficial.

A cidade também tem suas lendas, suas histórias. O cemitério é uma fonte delas, com suas histórias de espíritos irrequietos; também as narrativas sobre bonecas assassinas, entre outros. A lenda pode ser explicada como uma degeneração do mito, porque, como são repassadas oralmente, de geração a geração, vão sendo alteradas com o passar do tempo. Como diz o ditado popular: “Quem conta um conto, aumenta um ponto”.

A função do escritor, nesse caso, é retirar aquilo que é excepcional e apresentá-lo de forma mais coerente. As lendas são

importantes e boas para a reflexão e meditação. As lendas nos acenam para algumas verdades que não podem ser entendidas como “reais”, mas ficam no mundo criativo da imaginação. Nós podemos criar, inventar histórias que se parecem e se confundem com a realidade humana, por vezes, cruéis ou reais.

As lendas sobre alguns santos caminham por esse veio fecundo do pensamento humano e espiritual: sempre aumentar um fato e colocar o sujeito em destaque. Aquilo que não foi escrito poderá assumir um tom de mistério em referência ao santo cultuado. O leitor deve ter critério de avaliação ao comentar sobre esses “ditos” populares.

Tendo alguns desses elementos esclarecidos, vamos passar em revista a “vida” de São Cristóvão, anotando aquelas informações essenciais para o crescimento da espiritualidade “sãocristoviana”, e indicar alguns caminhos desse modelo de vida cristã, reforçando a espiritualidade e o devocional. Teremos em vista o aspecto de pastoral.

São Cristóvão é cheio de viés de espiritualidade, e a sua história nos indica um caminho plausível de encontro com o Cristo. Ele não é apenas um santo de utilidade, no que se refere às questões do volante, mas indica caminhos de missionariedade, num contexto de perseguição; é modelo exemplar do homem de Deus. Isso depende, todavia, da lenda em que o devoto se ancorar.

Com ele, temos muito que aprender. Não somente é um defensor do volante no enfrentamento do trânsito violento dos dias atuais, mas nos motiva ao encontro com Cristo, no serviço desinteressado aos irmãos. É um santo do acolhimento aos mais carentes e empobrecidos da comunidade. É um modelo de santo que mexe com nosso comodismo, no que tange às preguiças que alimentamos ao servir o próximo. É um santo que leva Cristo àqueles que necessitam de uma palavra ou ajuda na travessia da vida.

Quanta coisa se pode aprender com Cristóvão! Ele é um modelo de cristão no sentido mais puro da missão: servir

desinteressadamente ao próximo. Ele é um santo da experiência do desconhecido. Fazer o bem aos mais próximos é, de certa forma, cômodo, mas dedicar-se ao dessemelhante, isso faz a diferença!

Enfim, discorreremos sobre sua história, repleta de plenitude e de desejo em contribuir com aqueles que padecem nas dificuldades da caminhada. São Cristóvão é muito mais do que imaginamos!

CAPÍTULO 1

TEMPO DO IMPERADOR DÉCIO

Os imperadores romanos tinham nomes compridos, e assim gostavam de ser chamados e admirados pelos seus súditos. Gostavam, inclusive, de ser considerados tão importantes como deuses. No tempo de São Cristóvão, Caio Messio Quinto Trajano Décio (em latim *Caesar Gaius Messius Quintus Traianus Decius Augustus*; 201 – 251) foi imperador romano entre os anos de 249 e 251.

Décio era um general muito tradicional, que acreditava no culto ao Império Romano, assim como em suas tradições. Era um soldado querido, que se tornou compincha dos generais e admirado por todos. Talvez mais sensível enquanto criança; gostava dos jogos infantis que envolviam estratégias, e foi assim até a adolescência. Aos 18 anos, alistou-se no exército e avançou na aventura militar.

Tornou-se um excelente general, de destaque, a ser admirado por todos; foi o capitão mais jovem da história romana. Nesse período, Filipe Árabe se tornou imperador, mas era fraco em estratégias militares, e fez de tudo para matar o general Décio, sabendo que este teria um futuro promissor.

O general Décio cuidava das fronteiras, o que o fez destacado entre os demais generais, que eram fracos e corruptos. Na guerra de fronteiras, por mais terras, o imperador Filipe foi massacrado e morto, por não ter estratégia nenhuma e não ceder ao comando estratégico de Décio, que tinha capacidade para vencer.

Após a morte do imperador, Décio assumiu o poder estratégico e ameaçou todo o senado de morte, caso não o proclamassem imperador. Aquele que parecia bonzinho retirou as garras diante da oportunidade, e impôs sua força como general reconhecido. Evidentemente, foi atendido com prontidão, e passou a ser reconhecido como o imperador ameaçador, ou, como dizem: comprador de votos com ficha suja!

O que nunca faltou, a granel, para os imperadores romanos foram as guerras internas e externas contra os inimigos, que desejavam se apossar das terras por eles dominadas. Queriam aumentar, cada vez mais, o poderio e os limites do império. Embora a função principal dos imperadores fosse o cuidado do seu povo, não o faziam; queriam mostrar poder e glória diante dos demais reinados.

Os germanos foram os que mais receberam a influência dos romanos, por residirem próximo ao rio Remo. O afastamento dos povos germanos e a influência de ambos os lados eram estopins de muitas guerras entre eles. O imperador Décio os enfrentou por duas vezes. Na primeira, foi bem-sucedido, mas, na segunda, foi um desastre. Os bárbaros derrotaram 100 mil soldados, e Décio foi traído por um general de seu exército.

A manobra dos bárbaros foi bem-sucedida. As forças de Décio derrotaram seu oponente na linha de frente, mas cometeram o erro fatal de persegui-los no pântano, onde foram emboscados e derrotados. O imenso massacre marcou uma das derrotas mais catastróficas na história do Império Romano, e resultou na morte do próprio Décio.

Sua administração baseou-se, essencialmente, em perseguir os cristãos.¹ Foi um horror! Ordenou que todos os que

¹ Murilo Pereira Assumpção, UEL: “As perseguições aos cristãos no Império Romano podem ser divididas em duas fases distintas. A primeira delas corresponde ao período que vai do ano 64 d.C. ao ano 192 d.C., e é local, aleatória, esporádica, espontânea e não sistemática, geral, nem premeditada. A partir do século III d.C., ocorre a segunda fase das perseguições aos cristãos, que se inicia com as perseguições de Décio (249-251 d.C.) e Valeriano (253-260 d.C.) e prossegue até a ‘Grande Perseguição’ (303-311 d.C.) de Diocleciano (284-305 d.C.) e de seus colegas tetrarcas”. DANIEL-ROPS, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, São Paulo: Quadrante, 1988.

proclamavam a fé em Jesus Cristo e tivessem aparência de cristão fossem mortos, prontamente, sem nenhum tipo de inquérito averiguatório. Seu ódio pelos cristãos era tamanho que foi comparado às atitudes de Nero, aquele que meteu fogo em Roma e culpou os cristãos pelo crime.

A primeira perseguição sistemática aos cristãos foi empreendida pelo imperador Décio (249-251 d.C.), que decretou que todos os cidadãos do Império Romano deveriam sacrificar aos deuses tradicionais, perante uma autoridade imperial, objetivando restaurar o *mos maiorum* (Daniel-Rops) – o *mos maiorum* é uma espécie de “bons costumes romanos” ou “costume dos ancestrais”, bem como a *pax deorum* (a paz dos deuses). Os cristãos não reconheciam nem cultuavam os deuses de Roma, o que quebrava a “paz dos deuses”, e gerava um descontentamento popular contra esse grupo, considerado sedicioso e perigoso.

Nessa época, o número de cristãos era bastante significativo, mas poucos eram fortes e capazes de dar a vida pela fé. Por isso, houve muitos cristãos que acabaram por sacrificar aos deuses romanos publicamente, por medo das torturas e da morte. O medo era constante, e era instrumento para a ação dos inimigos do cristianismo. Depois de renegarem, publicamente, a fé, se arrependiam e queriam voltar à Igreja.

Como consequência, a reintegração desses cristãos infiéis, chamados de *Lapsi*, suscitou muitos problemas internos na comunidade. A readmissão não era tranquila na comunidade primitiva. O testemunho era o mote de todo o trabalho pastoral dos cristãos primitivos.

Enfim, o reinado de Décio não durou muito tempo. Foi lambido pelo ódio e exterminado pelas constantes batalhas enfrentadas para defender as fronteiras do império. O Império Godo venceu o valente general e o humilhou de forma grosseira. Seu único filho – embora alguns aleguem que tivera dois filhos: Hostiliano e Herênio –, que tinha pouco a ver com a história lamentável do pai, foi estuprado e vendido como prostituto para os africanos.